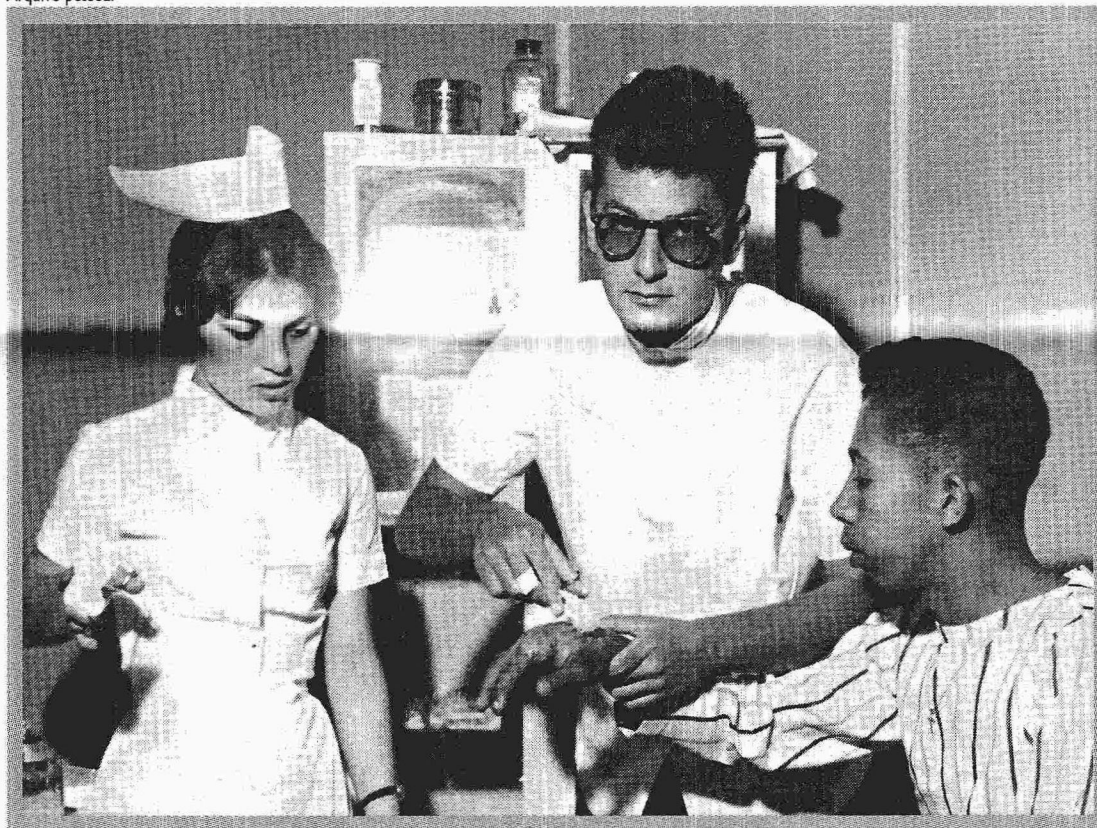




Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro

# Dedicação aos doentes nos primeiros anos de Brasília

Arquivo pessoal



NO HOSPITAL DO IAPI, GUSTAVO TRATAVA DE TODOS OS MALES QUE AFLIGIAM OS CANDANGOS: QUEIMADURAS, QUEDAS, ESMAGAMENTOS

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A construção da capital no centro do país “não representava apenas uma proposta de ocupação do Centro-Oeste ou um novo e moderno projeto arquitetônico e urbanístico, representava mais que isso, uma janela de oportunidades para centenas de profissionais” vindos de todas as regiões do Brasil. A opinião de Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro, de 69 anos de idade, é compartilhada por muitos outros moradores que encontraram em Brasília oportunidades de trabalho e estabilidade. Os projetos de vanguarda nos setores de saúde, educação e habitação faziam da capital uma cidade-síntese e motivo de orgulho para os milhares de operários.

Recém-formado em medicina pela Universidade Federal Fluminense, Gustavo foi um dos convidados, no início da construção de Brasília, para integrar a equipe de médicos do Instituto dos Industriários — IAPI, no ano de 1959. “O dr. Antero Araújo havia trazido dois colegas e precisava de um cirurgião, então me convidou para trabalhar na nova capital”, conta. A primeira impressão da cidade não agradou o médico. “O primeiro

impacto foi decepcionante porque não havia nada, o clima era muito seco — nessa época não existia o lago. Para se ter uma idéia, eu trabalhava num barraco de madeira.” Para completar, na chegada, ele e o motorista do jipe se perderam nas proximidades de onde hoje está a Praça dos Três Poderes, devido ao grande número de obras e acampamentos no local.

Atraído pela oportunidade de trabalho, pela garantia de moradia e refeição, que naquele tempo eram gratuitas, e pelos altos salários que se pagavam aqui, na época — os médicos daqui eram os mais bem pagos do país

—, ele chegou. Aos poucos, foi descobrindo a cidade que se escondia por trás daquela poeira e gostando cada vez mais do local a ponto de abandonar a idéia de voltar para o Rio. “Eu pensava em voltar futuramente e retomar o emprego que havia abandonado lá no Rio.”

Gustavo nunca imaginou encontrar na nova capital do país um cenário semelhante ao das fabulosas histórias de Monteiro Lobato que costumava ler quando adolescente. As surpresas do cerrado, com seu aspecto agressivo e ao mesmo tempo bucólico, e a presença de animais, antes só vistos nos livros,

chamavam a atenção do jovem cirurgião, acostumado com as belezas do Rio de Janeiro. “Aqui encontrávamos de tudo: perizes, tatus, cobras, lagartos, onça-pintada e tamanduá”, lembra o pioneiro.

Determinado, ele não teve escolha, quando chegou, senão morar num quartinho lá mesmo no Hospital do IAPI, que ficava na 706, na W3 Sul. Só depois de três meses — quando casou com Leda — é que mudou para uma casa maior, de madeira, num acampamento da 305 Sul. No novo endereço, ele e a esposa dividiam a casa com mais um casal — os Scarpelli.

## Grandes surpresas

A nova vida no Planalto Central reservava grandes surpresas para o médico-cirurgião, que vivenciou em Brasília os maiores momentos de sua carreira. Um desses grandes momentos ele faz questão de lembrar. “Numa noite, quando eu morava na 305 Sul, fui chamado para atender o presidente do IAPI, que se encontrava internado no hospital com suspeita de infarto do miocárdio. Chegando lá, pedi licença para examiná-lo e, contrariando a opinião dos colegas, percebi que havia um certo volume na região do abdômem.” De acordo com o cirurgião, a história não condizia com o infarto e, sim, com um problema abdominal agudo. “Ao iniciar a cirurgia, percebi uma enorme inflamação causada por uma apendicite”, afirma.

Curado, dias depois, o presidente do IAPI lhe aparece com a retribuição. “Tenho um apartamento para o senhor na 305”, ele me disse. “Mas não é justo só eu receber. Quero apartamentos para os 22 médicos então”, reclamou. “Fomos para a Presidência da República resolver. Pedi ao Hermes Lima (então chefe da Casa Civil do governo João Goulart) que autorizasse a disponibilização de



Formado em medicina pela UFF, no Rio de Janeiro, o médico foi convidado a integrar a equipe do Hospital do IAPI como cirurgião, em 1959



GUSTAVO, LEDA E OS FILHOS, UMA VIDA FELIZ EM BRASÍLIA

22 apartamentos para os médicos. Ele disse que não podia porque já havia feito a distribuição dos apartamentos. Então eu ameacei: 'Ah, o senhor não pode, então vou parar as obras', conta. O presidente do IAPI, que estava presente, levantou assustado e resolveu nomear uma comissão. "Todos os médicos receberam os apartamentos", conta vitorioso.

#### Acidentes

À medida que as obras e a cidade cresciam, aumentavam também os acidentes de trabalho. Gustavo trabalhava o dia todo, só não varava a madrugada porque às 11 da noite acabava a luz, que era fornecida por geradores. "A gente se sentia muito útil em poder contribuir para a construção da nova capital. Havia um otimismo muito grande e Juscelino contagiava a todos com seu entusiasmo." Além do Hospital IAPI, ele também atendia no consultório na Cidade Livre e no Posto Samdu, em Taguatinga. "Naquele tempo ocorriam acidentes de toda a natureza. Eram soterramentos, queda de cima dos prédios, queimaduras e muitos outros."

O cirurgião do IAPI conta que durante a impressão de um jornal, em Brasília, um funcionário prensou a mão numa das máquinas e teve de fazer uma cirurgia para recuperá-la. Outro ato de coragem e profissionalismo do médico e então diretor do Hospital do IAPI — ele era o mais jovem de todos — aconteceu durante o salvamento de um passageiro do ônibus que vinha do Gama para Brasília. "O ônibus ficou pendurado no viaduto e o passageiro que estava na escada ficou com as

“**NAQUELE TEMPO OCORRIAM ACIDENTES DE TODA A NATUREZA. ERAM SOTERRAMENTOS, QUEDAS DE CIMA DOS PRÉDIOS, QUEIMADURAS E MUITOS OUTROS**”

pernas prensadas". Depois da tentativa, sem sucesso, do Corpo de Bombeiros, para retirar o passageiro do ônibus, ele foi até o local. "Eu vi que não tinha jeito e perguntei a ele se podia amputar suas pernas". Munido de soro, anestésico e um serrote, o médico salvou o passageiro. "Assim que cheguei ao hospital, deixei-o sob os cuidados dos colegas porque eu estava muito abalado psicologicamente", desabafa.

A dúvida sobre se teria mesmo tomado a atitude correta naquele momento o acompanhou por anos. A resposta só veio anos mais tarde em uma viagem a Paris. "Eu vi pela TV um acidente semelhante que aconteceu na Alemanha. Os bombeiros não conseguiram resgatar o acidentado e os médicos tiveram de proceder do mesmo modo." Foi aí que Gustavo descobriu que sua atitude havia sido a mais apropriada naquele momento. "Eu estava certo", garante o Cidadão Honorário de Brasília.

Em meados de 1966, Gustavo

deixou o Hospital do IAPI, indo para o Hospital do Gama, onde trabalhou durante um ano. De lá, o cirurgião foi para o Hospital Distrital (atual Hospital de Base). Pós-graduado em proctologia, pela Universidade de Genebra — Suíça, ele morou alguns anos longe de Brasília, tempo que, segundo ele, fez aumentar a sua paixão pela cidade.

Os trabalhos em prol de Brasília não param por aí. Gustavo também atuou como diretor-executivo da Fundação Hospitalar e como coordenador da Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência. O reconhecimento pelos inúmeros trabalhos na cidade é citado até nos livros como sendo "responsável por um bom trabalho comunitário, com relevantes serviços, principalmente naqueles primeiros tempos de Brasília". Se o pioneiro tivesse voltado para o Rio, certamente os candangos sentiriam sua falta. Gustavo nem sonha em sair daqui. "Hoje me considero um cidadão brasileiro", conclui.

## Raio X

#### Nome:

Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro

#### Idade:

69 anos

#### Origem:

Niterói, Rio de Janeiro

#### Ano de chegada a Brasília:

1959

#### Profissão:

Médico (atualmente é secretário de Estado da Ação Social do Governo do Distrito Federal)

#### Estado civil:

Casado

#### Esposa:

Leda Tâmega Ribeiro

#### Filhos:

Maria de Fátima, Patrícia e Gustavo Augusto

#### Netos:

Ingrid e Gabriela